

1. O PAI NOSSO EM MATEUS E LUCAS (Mt 6.9-13 ; Lc 11.2-4)

No evangelho de Mateus o texto do Pai Nosso é:

ουτῶ ουν προσευχεςθε υμει πατερ ημων ο εν τοι ουρανοι αγιασθητω το ονομα σου
ελψετω η βασιλεια σου γενηθητω το ψελημα σου ὡ εν ουρανῳ και επι τῆ γῆ
τον αρτον ημων τον επιουσιον δὲ ημιν σημερον
και αφε ημιν τα οφειληματα ημων ὡ και ημει αφιεμεν τοι οφειλεται ημων
και μη εισενεγκῆ ημα εἰ πειρασμον αλλα ρυσαι ημα απο του πονηρου οτι σου εστιν
η βασιλεια και η δυναμι και η δοξα εἰ του αιωνα αμην

Tradução:

Pai Nosso que estás nos céus. Santificado seja o Teu Nome. Venha o Teu Reino. Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu. O pão diário nos dá hoje. E perdoanos a nossa dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos conduzas para dentro da tentação, mas livra nos do mal.

No evangelho de Lucas o texto original é:

πατερ ημων ο εν τοι ουρανοι αγιασθητω το ονομα σου ελψετω η βασιλεια σου
γενηθητω το ψελημα σου ὡ εν ουρανῳ και επι τῆ γῆ
τον αρτον ημων τον επιουσιον διδου ημιν το καθ ημεραν
και αφε ημιν τα αμαρτια ημων και γαρ αυτοι αφιεμεν παντι οφειλοντι ημιν και μη
εισενεγκῆ ημα εἰ πειρασμον αλλα ρυσαι ημα απο του πονηρου

Tradução:

Pai, santificado seja o Teu Nome. Venha o Teu Reino. O pão nosso diário dá-nos a cada dia. E perdoa-nos os nossos pecados, pois também perdoamos a todos os nossos devedores. E não nos conduzas para dentro da tentação.

Foram feitas inúmeras traduções desta perícopé. Uma das primeiras foi à tradução latina, a Vulgata. Depois desta tomou-se a tradução de Martinho Lutero. Esta provavelmente serviu como uma espécie de modelo para traduções posteriores, tanto na língua alemã como nas outras.

A tradução de Lutero não foi alterada pelas várias revisões do texto da Bíblia de Lutero até 1952. No entanto, se compararmos esta tradução de Lutero com a tradução moderna, algumas diferenças podem ser notadas. O texto inglês, segundo a assim chamada "*King's James Version*" provavelmente foi traduzido, tomando por base a tradução de Lutero, pois ela é bastante semelhante.

Todas as traduções feitas do Pai Nosso podem ser classificadas em três grupos. O primeiro é a Vulgata com as diferentes traduções católica apostólica romana. O segundo grupo são as traduções de Lutero e as demais traduções que tiveram por base o texto original grego e por modelo a tradução de Lutero, não importando a língua. No terceiro grupo têm-se as traduções em linguagem popular, as quais usam um determinado tipo de linguagem popular, praticamente comum em todas as línguas.

2. A PROVÁVEL CAUSA DO DUPLO RELATO DO PAI NOSSO

A oração do Pai Nosso encontra-se registrada nos Evangelhos de Mateus e Lucas. A respeito disso surge uma série de perguntas. É a oração relatada duas vezes, ou Cristo ensinou duas vezes a mesma oração? Em que situação Cristo proferiu o Pai Nosso? Pelo contexto de cada relato, parece que esta oração foi proferida em ocasiões diferentes. Em Mateus, o Pai Nosso encontra-se no Sermão do Monte, enquanto Lucas a coloca em uma ocasião diferente.

Para Reinecker Jesus repetiu a mesma oração em várias ocasiões. É uma idéia que pode ser aceita, pois Cristo pediu a seus discípulos para que orassem desta maneira. Provavelmente Jesus a tenha repetido várias vezes e nas mais diversas ocasiões para que seus discípulos a gravassem em sua memória e a tivessem como modelo de suas próprias orações.

Há também o pensamento de que Mateus tenha inserido o Pai Nosso no Sermão do Monte, sem que Jesus o tivesse proferido naquela ocasião e que Lucas o traz em seu contexto histórico exato. O mais provável, de acordo com o pensamento dos exegetas que não admitem elementos estranhos nos evangelho é que Cristo repetiu o Pai Nosso em diversas ocasiões, para que seus discípulos o gravassem bem em suas mentes e o tivessem como uma oração modelo.

3. DIFERENÇAS ENTRE OS RELATOS DE MATEUS E LUCAS

Fazendo-se um estudo comparativo entre o relato do Pai Nosso em Mateus e o relato em Lucas, verifica-se que há certo numero de diferenças quanto a formulação e quanto a extensão. Observa-se claramente que o Pai Nosso em Lucas é bem mais condensado do que em Mateus. No entanto, não se pode afirmar que Jesus ensinou duas orações diferentes aos seus discípulos, mas ele fez uma abreviação que não altera o conteúdo.

A bem da verdade são encontradas diferenças bem claras quanto à formulação, quando se põe um texto do lado do outro. Já na introdução pode-se observar a diferença e verifica-se que Lucas é bem mais condensado, enquanto Mateus faz uma introdução bem mais longa. Mateus em sua introdução diz: *“Pai Nosso que estás nos céus (Mt.6.9)”* e Lucas diz apenas *“Pai”* (Lc.11.2).

As duas primeiras petições são iguais, tanto em Mateus quanto em Lucas. Mas a terceira petição está ausente em Lucas, mas aparece em Mateus. Na quarta petição há diferenças. O verbo em Mateus está no imperativo aoristo δόϋζ, enquanto que em Lucas está no imperativo presente διδου. No final da quarta petição Mateus usa o termo σημερον e Lucas traz καιψ ημεραν.

Na quinta petição verificam-se varias diferenças bem acentuadas. Em Mateus é usado o termo οφειληματα que significa em primeiro lugar dívida. Já Lucas usa o termo ἁμαρτιαζ, que significa pecado. Na segunda parte da quinta petição, há uma diferença nas conjunções empregadas. Mateus usa a combinação ωζ κα’ι e Lucas traz a forma και γαρ. Os verbos são usados em dois tempos diferentes, Mateus tem a forma do aoristo enquanto Lucas usa o tempo presente. E no fim da petição Mateus tem τοι’ οφειλεται ημων, os nossos devedores; em Lucas é apresentada παντι οφειλοντι ημιν, todos os

que devem a nós. A sexta petição é igual em ambas as narrativas. A sétima petição somente é encontrada no relato de Mateus.

Como se nota, as diferenças entre os dois textos não são de importância fundamental. Mesmo a ausência da terceira e da sétima petição em Lucas não tem grande influência no conteúdo geral da oração do Senhor. As outras diferenças são mais de construção de frases, do que propriamente diferenças quanto à significação.

Os exegetas procuram fazer uma síntese e explicar como estas diferenças não se contradizem umas com as outras.

4. CONCLUSÃO DO PAI NOSSO

Fazendo-se um estudo do Pai Nosso nas versões originais, percebe-se que a conclusão hoje conhecida não fazia parte dos manuscritos originais em língua grega.

Nestlé não traz a conclusão em Lucas, traz somente em Mateus. E mesmo em Mateus só é colocado ao pé da página, o que mostra que nos principais manuscritos a conclusão não faz parte do original.

De acordo com os críticos, a doxologia final não faz parte do original, mas apontam para uma forma litúrgica usada já no Antigo Testamento, dando como exemplo de 1Cr. 29.11. Dizem que este tipo de doxologia era constantemente usado nas orações dos judeus, principalmente nas orações feitas em público.

Segundo alguns comentaristas, a base para a doxologia com o “amém” que se encontra em Mateus está em 2Tm. 4.18. Segundo eles, nesta passagem encontra-se o foco inicial e a causa desta adição litúrgica à oração do Senhor.

Alem de a doxologia do Pai Nosso não se encontrar na grande maioria dos textos antigos, muitos dos pais antigos, nos seus comentários não a conhecem, o que vem demonstrar que para eles esta conclusão não fazia parte do texto original, pois do contrário eles teriam tecido os seus comentários também a respeito de uma ou de outra forma da doxologia.

Não restam dúvidas, portanto, quanto à ausência da doxologia no texto original. As provas são decisivas, pois somente nos manuscritos posteriores se verifica a sua presença. E é ainda notável que os manuscritos que trazem a doxologia, não a tem com texto uniforme, mas verifica-se uma série de diferenças quanto ao seu conteúdo. Segundo Zahn, os manuscritos *E, G, K, L, M*, e outros de menor importância trazem a forma normalmente aceita atualmente na igreja, a saber, “*pois teu é o reino, o poder e a gloria para sempre.*”

A doxologia do Pai Nosso provavelmente entrou no texto bíblico por uma causa litúrgica. Provavelmente tenha sido costume orar o Pai Nosso, acrescentando à oração uma doxologia, que na sua forma atual pouco a pouco se firmou. Com o passar do tempo, com o constante uso ela se tornou parte integrante da oração do Pai Nosso. Os copistas posteriores, devido ao costume que conheciam a têm acrescentado ao texto original, que não a continha. Verifica-se que a igreja católica ainda hoje deixa a doxologia de lado, e mesmo na liturgia luterana, quando há participação da congregação direta, como na Santa Ceia, ela é separada da oração do Senhor, constituindo uma espécie de confirmação da oração por parte da congregação.

Em conclusão constata-se que a doxologia do Pai Nosso não consta do original texto grego. Mas não se pode simplesmente ignorá-la. Ela foi considerada de grande valor. Prova disso é que os antigos copistas, já muito cedo na história, a incluíam no texto

grego, mesmo que em nota separada ao pé da página. A igreja cristã aceitou esta doxologia e praticamente a considera como afirmação sua ao texto que o próprio Senhor Ihe deu, no Pai Nosso. Portanto, mesmo não sendo parte integrante do texto original, ela em nada prejudica o conteúdo original, antes pelo contrário, ela reforça a oração que Cristo mesmo ensinou.

Luiz Carlos da Silva Filho

Ministro do Evangelho*

Ministério Bíblico Palavra Viva

luizcarlos@mbpalavraviva.org



(0xx51) 9319-1695

* Ministro do Evangelho no Ministério Bíblico Palavra Viva, São Leopoldo/RS. Pós-Graduando Especialização Aconselhamento Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil. Membro Associado Conselheiro Bíblico pela ABCB - Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos. Membro Certificado Conselheiro Cristão Pastoral pela IACCP - International Association of Christian Counseling Professionals.